

## A CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: NOTA SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

### **Leidiane Pereira da Silva**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/6452895192426278>

<https://orcid.org/0000-0003-2852-110X>

E-mail: [ufgleidiane@gmail.com](mailto:ufgleidiane@gmail.com)

### **Evelyn Elen Alves de Brito Cabral**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/4247868383495021>

<https://orcid.org/0000-0003-2852-110X>

E-mail: [evelynelenalves@gmail.com](mailto:evelynelenalves@gmail.com)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4-12>

**RESUMO:** Este artigo, apoiando-se em alguns estudiosos da Teoria Crítica da Sociedade, principalmente em Theodor W. Adorno, pretende promover uma reflexão primeiramente sobre a cultura na sociedade contemporânea, com foco nos comportamentos anticivilizatórios e ameaçadores da cultura, e também, apresentar os argumentos de Adorno, bem como compreender as contribuições deste autor, sobre a urgência da educação contra a barbárie desde à infância. Tensionando a tomada de consciência sobre os descaminhos da razão, e por meio do esclarecimento propor a construção do sujeito autônomo e emancipado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Educação. Infantil.

### **CULTURE IN CONTEMPORARY SOCIETY: NOTE ON EARLY EARLY EDUCATION**

**ABSTRACT:** This article, based on some scholars of the Critical Theory of Society, mainly on Theodor W. Adorno, intends to promote a reflection primarily on culture in contemporary society, focusing on anti-civilizing and culture-threatening behaviors, and also, to present Adorno's arguments, as well as understanding this author's contributions, on the urgency of education against barbarism from childhood. Tensing awareness about the deviations of reason, and through clarification proposing the construction of the autonomous and emancipated subject.

**KEYWORDS:** Culture. Education. Childhood.

### **INTRODUÇÃO**

A educação escolar constitui-se em uma temática de muitas discussões, principalmente porque justifica-se como a possibilidade de desenvolvimento das

potencialidades e a formação integral da criança e do jovem, bem como, a promoção do espírito crítico-reflexivo, visando à formação do sujeito mais consciente e participativo. Entretanto, a promoção dessa consciência crítica, na atualidade, encontra-se ameaçada. Scarel (2015, p. 154) ao interpretar Adorno e Horkheimer sinaliza para “...uma existência superficial, sem alma, atomizados, sem a força de uma coesão interna, cada um apegado às suas próprias prerrogativas, vagamente cômico da forma dos números.” Segundo a autora essas tendências contribuem para as inclinações individualistas e anticivilizatórias cada vez mais recorrentes na contemporaneidade.

Por isso, que as contribuições de Theodor W. Adorno tornam-se pertinentes para essa discussão. Conforme (Jay, 2008) esse frankfurtiano concentra-se nas atrocidades ocorridas na Segunda Guerra Mundial, recorre aos atos violentos ocorridos e possibilitados nos campos de concentração como um exemplo de barbárie<sup>1</sup> cometida por indivíduos contra eles mesmos. Seus estudos e pesquisas estão voltados para compreender a violência permitida, tendo seus efeitos concretizados pela morte de milhares de vidas humanas.

Nesse sentido, Adorno (1995, p.120) corrobora para que frente à degradação dos homens faz-se necessário compreender os motivos que resultaram em tamanho genocídio, com vistas à superação dos mesmos. Este estudo pretende destacar e entender os pressupostos deste autor sobre a emergência da educação desde a infantil, como exigência política à emancipação e contribuinte para uma sociedade socialmente mais justa. Para tal, o presente artigo será dividido em duas seções: a primeira retratará a Cultura Contemporânea sob a luz da Teoria Crítica da Sociedade especialmente em Theodor Adorno. A segunda seção discute sobre a Educação Infantil na sociedade atual: aproximações.

---

<sup>1</sup> Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 1995, p. 155).

## A CULTURA CONTEMPORÂNEA SOB A LUZ DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE ESPECIALMENTE EM THEODOR ADORNO

A Segunda Guerra Mundial que teve como resultado a morte de milhares de pessoas, e ainda, as tendências ideológicas se intoxicam com o radicalismo e vandalismo praticados. Cawthorne (2015) afirma que a catástrofe ocasionada pela Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) teve como protagonistas a Alemanha acrescidos de outros doze países. Os campos de concentração, foram utilizados pelo regime nazista que aprisionaram milhares de pessoas nas décadas de trinta e quarenta do século XX, pelo menos vinte mil campos foram usados entre 1933 e 1945. O campo de concentração “Auschwitz” simboliza a concretização de uma ideologia<sup>2</sup> alemã que assolou o mundo com a barbárie e requinte de crueldade, permitida pela humanidade contra si própria.

Diante de tamanha crueldade, da barbárie ocasionada e permitida: O que levava as pessoas a apoiarem essa ideia? É sobre essa problemática que a Teoria Crítica da Sociedade, sobretudo, Adorno concentra suas discussões e reflexões sobre os sistemas sociais e culturais, busca compreender os mecanismos de dominação, alienação e distorção da realidade com vistas à manipulação dos sujeitos por interesses individuais e ou coletivos.

Para esta discussão, faz-se necessário compreender o conceito de cultura, apesar de que Laraia (2001) ressalta sobre as diferentes e divergentes concepções de cultura: “[..] essa discussão provavelmente nunca terminará, pois, uma compreensão exata do conceito de cultura significa a própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana”.

Scarel (2018) ao interpretar a obra Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades (2016), do sobrevivente de Auschwitz Primo Levi sinaliza para a compreensão do quanto uma cultura pode se prejudicar como resultado de uma sociedade administrada, conformada e que simplifica o mal. A autora ressalta o sentido de cultura para Adorno e Horkheimer ao interpretarem Freud:

---

<sup>2</sup> A ideologia contemporânea é o estado de conscientização e de não-conscientização das massas como espírito objetivo, e não os mesquinhos produtos que imitam este estado e o repetem, para pior, com a finalidade de assegurar a sua reprodução. A ideologia, em sentido estrito, dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse sentido, até atenuadas. Mas, por tudo isso, a sociedade atual, erroneamente acusada de excessiva complexidade, tornou-se demasiado transparente (ADORNO; Horkheimer, 1973, p.193).

A “cultura humana” – entendendo por isto toda a ascensão ocorrida na vida humana desde as suas condições animais e pela qual se distingue da vida dos animais, e abstendo-me da insípida distinção entre cultura e civilização – mostra claramente dois aspectos a quem a observa. Por um lado, abrange todo o saber e capacidade que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e obter os bens que satisfazem as necessidades humanas; e, por outro lado, todas as instituições necessárias para reger as relações dos homens entre si e, mormente, a distribuição dos bens obtidos. Estes dois sentidos da cultura não são mutuamente independentes, primeiro, porque as relações recíprocas dos homens se modificam profundamente, na medida em que a satisfação dos impulsos se torna possível através dos bens disponíveis; segundo, porque o próprio indivíduo humano pode estabelecer com outro uma relação de homem a coisa, quando o outro utiliza sua força de trabalho ou é adotado como objeto sexual; terceiro, porque cada indivíduo é, potencialmente, um inimigo virtual dessa cultura que, entretanto, há de ser um interesse humano universal (ADORNO; HORKHEIMER, 1978, p. 97).

O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, alterou significativamente o cenário mundial, e após 45 anos houve uma promessa de romper com os extremos que causaram Auschwitz, entretanto essa cultura contemporânea é uma cultura que privilegia o aqui e o agora, o momento, e relega a história. A exagerada valorização à objetos que suprem uma felicidade hipócrita através da realização momentânea despercebida. “...porquanto as suas consequências não se estacam apenas no nível da objetificação das pessoas, conduzindo-as ao consumo desmedido, à competição, ao individualismo e à busca pelo prazer efêmero Scarel (2018)”. Vejamos o que Adorno persevera sobre este fato:

No referente ao lado subjetivo, [...] o nazismo insuflou desmesuradamente o narcisismo coletivo, ou, para falar simplesmente: o orgulho nacional. Os impulsos narcisistas dos indivíduos, aos quais o mundo endurecido prometia cada vez menos satisfação e que mesmo assim continuavam existindo ao mesmo tempo em que a civilização lhes oferecia tão pouco, encontraram uma satisfação substitutiva na identificação com o todo. Esse narcisismo coletivo foi gravemente danificado pela derrocada do regime nazista. Esses danos ocorreram no âmbito do meramente factual, sem que os indivíduos tenham se dado conta deles para assim elaborá-los. Este é o sentido sócio- -psicológico correspondente ao discurso acerca do passado não dominado. Faltou inclusive aquele pânico que, de acordo com a teoria freudiana [...], se instala quando as identificações coletivas se esfacelam. Se atentarmos às indicações do grande psicólogo, isso permite apenas uma conclusão: que, no fundo, avolumando-se inconscientemente e por isto particularmente poderosas, aquelas identificações e o narcisismo coletivo não chegaram a ser destruídos, mas permanecem existindo (ADORNO, 1995, p. 39-40).

Para Scarel (2018) “os mecanismos de violência e de extremismos têm se estendido por diversos aspectos e dimensões da vida humana, seja no tocante à ideologia, seja com referência à intolerância ao credo, à raça, ou, ainda, a quaisquer escolhas de ordem pessoal”. É uma cultura que privilegia uma vã felicidade em detrimento de uma perspectiva mais humana e solidária. A autora salienta que essa degradação da cultura se revela de modo catastrófico para as sociedades pois não só, objetifica as pessoas, mas também as levam ao “consumo desnecessário, à competitividade, ao individualismo e aos prazeres efêmeros”.

Scarel (2018) alicerçada pelas reflexões de Adorno dos anos 1950, este que confronta quaisquer tipos de extremismos, pontua a necessidade do não esquecimento aos atos bárbaros e violentos ocorridos e motivados por uma cultura da imitação, que por conseguinte, levaram seus próprios apoiadores alienados à autodestruição. Para este frankfurtiano “quem se coloca a favor da cultura radicalmente culpada e mesquinha, transforma-se em colaborador, enquanto se recusa a cultura fomenta imediatamente a barbárie com a qual a cultura se revela” (Adorno 2009, p. 304).

Seguindo este raciocínio, o que precisaria ser feito para impedir a repetição de Auschwitz por meio da resistência a esse tipo de cultura alienada e conformada a começar pela infância e pela educação da criança? Nesse sentido, é necessário compreender a relação entre os termos educação e cultura:

Constata-se, então, que educação e cultura não são sinônimos, mas, dois fenômenos com estreita interdependência, coexistindo e interagindo na sociedade, podendo-se, até, afirmar que guardam entre si uma relação de mútua responsabilidade. Responsabilidade, também, seria a do cidadão, enquanto “animal político”, como o definia Aristóteles, zelando para que a interação se processe de forma dinâmica, conservando e renovando a cultura, sem “vazios axiológicos”. (MAIA, 2002, p.51).

Conforme Maia (2002, p.48) “A mudança social é um processo de transformação da cultura, resultante de vários fatores”. “... é um desafio para o desejo de conhecer, para a necessidade de agir.” É nesse sentido, que a obra adorniana “Educação e Emancipação (1995)” sobretudo o texto intitulado “Educação após Auschwitz” alinha-se à essa problemática, provoca para a luta contra atos anticivilizatórios, violentos e bárbaros, os quais toda a educação precisa se opor desde à infância.

## SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NA SOCIEDADE ATUAL: APROXIMAÇÕES

Trabalhar na perspectiva de uma educação política voltada para o esclarecimento, que confronte a cultura de dominação desde a educação infantil, é um apontamento fundante para Adorno, esta, que se faz como primeira formação do indivíduo enquanto ser social e histórico. Segundo o autor, “os caracteres em geral, mesmo os que no decorrer da existência chegam a penetrar os crimes, já se formam na primeira infância” Adorno (1995, p. 121).

O estado de barbarização e os extremismos ocorrido pelo advento de Auschwitz, Adorno (1995) evidencia a necessidade do não esquecimento à violência e ao horror vivenciados e possibilitados pela cultura da imitação e convivência, que resultou em destruição. Assevera que o poder por meio de comunicação cria uma cultura onde o homem não é capaz de refletir sobre os problemas e objetivos da sociedade, determinando através da cultura de massa<sup>3</sup> o que a sociedade possa ver, consumir e acreditar.

Adorno (1995) faz um apelo para que a atenção se volte para os praticantes de tais atos, ou seja, para uma inflexão do sujeito. Afirma que é preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometerem tais atos, “é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir a repetição de tais atos, à medida em que desperta-se para uma consciência geral acerca desses mecanismos”, e aponta para a finalidade da educação:

É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica (ADORNO, 1995, p. 121).

Diante disso, o trabalho educativo carece de reflexão e consciência, deve direcionar a sua função contra a violência e com vistas à emancipação do homem, ou seja, precisa conduzir o sujeito para a “autorreflexão” em favor do “esclarecimento” em detrimento a uma mentalidade homogênea e linear, representada “pela identificação cega com o coletivo”. Adorno (1995) apoia-se em Kant (1985) ao expor a necessidade urgente

---

<sup>3</sup> A massa é um produto social — não uma constante natural; um amálgama obtido com o aproveitamento racional dos fatores psicológicos e irracionais e não uma comunidade originalmente próxima do indivíduo; proporciona aos indivíduos uma ilusão de proximidade e de união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, a alienação e a impotência individual (ADORNO; Horkheimer, 1973, p.87).

de reflexão sobre os descaminhos da razão por meio do esclarecimento, vejamos como esse pesquisador concebe o termo em questão:

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade e a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outro. Tem coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (KANT, p. 100, 1985).

Adorno (1995, p.164) concebe o esclarecimento como a transformação da realidade, e a não conformidade, e a não passividade irracional. Por isso, faz-se necessário entender a decadência da cultura e da educação na sociedade contemporânea, através da reelaboração das relações sociais que causaram a destruição no passado e que ainda se fazem presente na contemporaneidade, da fragmentação exagerada, por meio do individualismo e da falta de sensibilidade dos sujeitos, em detrimento de uma “vida feliz” precisam ser eliminadas através do repensar criticamente a atualidade, de forma comprometida e reflexiva.

Adorno (1995, p.127-129) destaca que “não deve haver nenhum mal-entendido quanto à inclinação arcaica pela violência, à velha estrutura ligada a autoridade, do velho e bom caráter autoritário que representa uma identificação cega com o coletivo”, é preciso contrapor-se ao poder do cego de todos os coletivos. Evidencia o equívoco causado pelo desempenho da severidade na educação tradicional:

Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina. Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada (ADORNO, 1995, p.128).

Para Adorno (1995) quem é severo consigo mesmo obtém o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Nesse sentido, o autor reforça a necessidade de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la como acontecia antigamente, que não contribua para formação de indivíduos que se identificam com certos doentes mentais ou personalidades psicóticas, o que de certa forma, foi decisivo para que Auschwitz acontecesse.

Aponta que a educação deve voltar-se para humanização desde os primeiros anos, e não na maior maturidade, em detrimento aos comportamentos irracionais e violentos como aqueles que ocasionaram Auschwitz, vejamos o que ele sinaliza:

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes (ADORNO, 1995, p. 123).

Adorno (1995) expressa que Auschwitz representa o mais alto nível de declínio do espírito objetivo, e a conexão expressa entre a cultura e a sociedade constitui-se por um exemplo extremo da falta de capacidade de racionalização a que chegaram à modernidade, caracterizada não somente pela morte, mas pela perda da condição humana. Por isso, defende que os processos sociais que levaram à tamanha degradação da humanidade, precisam ser reconhecidos, refletidos e banidos para a não repetição desde a primeira infância. Compreende como emergente a educação desde a infantil, com vistas à formação de identidades e personalidades capazes de se contraporem às injustiças sociais por meio do esclarecimento, em negativa aos comportamentos violentos. A educação nessa perspectiva é provocativa, questionadora e desafiante objetiva a formação de sujeitos humanizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se a partir deste estudo, sobretudo a partir dos apontamentos de Adorno (1995), atuais e necessários para que possamos pensar a educação voltada para a autorreflexão crítica, ou seja, para a autonomia e emancipação dos sujeitos. Desta forma, educar contra a barbárie é concludente para a humanização das relações e essa afirmativa está em consonância ao ensino infantil como o primeiro espaço para a interação e a construção da percepção, cognição e pensamento.

Os argumentos de Adorno (1995) evidenciam a educação voltada para a formação humana, consciente, livre de opressão, coerção e repressão, muitas vezes justificada pela autoridade que leva à violência. Nesse entendimento, a educação para a contradição e resistência ajusta-se por meio das transformações sociais advindas da libertação do homem, por meio da formação de uma consciência crítica e reflexiva.



Para Adorno (1995) as constantes (de)formações presentes na sociedade implica em uma educação voltada para o esclarecimento do sujeito humanizado e emancipado. A construção desta autonomia constitui-se em um desafio, para a ação pedagógica que emerge o rompimento com estruturas que permitam a adaptação e a comodidade que resultam em relações fragmentadas baseadas na competição e na concorrência. Essa educação humanizada deve se opor ao autoritarismo, ao sofrimento do outro e às opressões capitalistas que impedem a resistência social e a autorreflexão crítica.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. et al. **Personalidade autoritária**. In: Escritos sociológicos II. Madri: Akal, 2009. (Obra completa; v. 1).
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Temas básicos da sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CAWTHORNE, Nigel. **Uma Breve História da Segunda Guerra Mundial**. Ed. Mbooks, 2015.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os pensadores).
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung)? In: \_\_\_\_\_. Textos seletos. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 63-71.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico** / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001
- MAIA, N. A. **Educação e Cultura: sinônimos ou sistemas em interação?** Ed. Dacultura, Ano II, Nº 3, jan- jun, 2002.
- SCAREL, B. E. **A cultura da violência e o processo formativo para a experiência: notas a partir da reflexão sobre a educação após Auschwitz**. Ed. Inter-Ação, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 325-340, maio/ago. 2018.
- SCAREL, B. E. **Educação, Sociedade, Subjetividade e Violência**. “Adorno: O Potencial Formativo e a Resistência à Barbárie”, Goiânia-Goiás, Gráfica e Editora América Ltda, 2015.

Submissão: junho de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: outubro de 2023.